



O púlpito como lugar de combate: a crítica de Teodoro de Almeida ao pensamento moral francês no século XVIII

Júnior César Pereira¹

Recebido em: 27/01/2019

Aceito em: 01/03/2019

RESUMO

O trabalho a seguir teve como objetivo principal averiguar o debate promovido pelo padre e filósofo oratoriano Teodoro de Almeida (1722-1804) acerca da difusão dos livros de alguns pensadores franceses no âmbito de sua parenética. A questão ética e moral no interior do pensamento desse importante pensador português da época das Luzes foi muito investigada na historiografia, que se debruçou com maior afinco nos últimos tomos de sua obra magna, a *Recreação Filosófica*. No entanto, nosso estudo tentou mostrar que o embate travado pelo clérigo contra a filosofia moral moderna representada por filósofos como Voltaire, Rousseau e Marmontel, se deu com grande ênfase no púlpito também, e para isso analisamos um de seus sermões pregado em 1778 ou 1779 e publicado em 1787, portanto anteriores à publicação dos citados tomos da *Recreação Filosófica*. A leitura de tal sermão nos permite verificar como um importante agente da cultura letrada portuguesa setecentista refletiu sobre a difusão de tais ideias naquele tempo.

Palavras-chave: Teodoro de Almeida; parenética; filosofia moral.

The pulpit as a place of combat: a critique of Teodoro de Almeida to the french moral thought in the eighteenth century

ABSTRACT

The main objective of this work was to analyze the debate promoted by the priest and the oratorian philosopher Teodoro de Almeida (1722-1804) about the diffusion of the books of some French thinkers in the scope of his parenética. The ethical and moral question within the thought of this important Portuguese thinker of the Enlightenment era was much investigated in historiography, which has been more fully studied in the last volumes of his great work, *Philosophical Recreation*. However, our study attempted to show that the clash held by the clergy against modern moral philosophy represented by philosophers such as Voltaire, Rousseau, and Marmontel, took a great deal of emphasis in the pulpit as well, and for this we have analyzed one of his sermons preached in 1778 or 1779 and published in 1787, therefore prior to the publication of the abovementioned volumes of *Philosophical Recreation*. Reading this sermon allows us to verify how an important agent of eighteenth-century Portuguese literary culture reflected on the diffusion of such ideas at that time.

¹ Possui graduação em História pela Universidade Estadual de Londrina. Atualmente é mestrando pelo Programa de Pós Graduação em História Social na mesma Universidade, recebendo bolsa CAPES. Lattes em: https://www.cnpq.br/cvlattesweb/PKG_MENU.menu?f_cod=C5C39788D0CB573A807B50B722F6C80AE -mail: juniorenhawaii@hotmail.com.



Keywords: Teodoro de Almeida; parenética; moral philosophy.

1 INTRODUÇÃO

Nas sociedades ocidentais do período moderno a oratória sagrada foi uma prática cultural de extrema relevância no cotidiano das pessoas. Para além de um espaço onde o pregador transmitia as doutrinas cristãs, o púlpito também era um pólo difusor de propagandas políticas, modelos comportamentais, críticas aos costumes etc, configurando-se como espaço de circularidade cultural, uma vez que a maioria dos ouvintes era iletrada.²

Em Portugal, no tempo em que o iluminismo se forjava na cultura, o padre e filósofo oratoriano Teodoro de Almeida (1722-1804) foi uma figura cimeira no campo da oratória sagrada. De sua atividade no púlpito resultou a publicação de três tomos de *Sermões* em 1787. Caracterizado por um forte ímpeto devocional, o *corpus* parenético desse importante padre da Congregação do Oratório nos permite vislumbrar o contexto português da segunda metade do século XVIII por meio de diversas vias, uma delas é a recepção das ideias filosóficas dos pensadores franceses.

Muitos historiadores se debruçaram sobre a vida e a obra de Teodoro de Almeida, enfatizando sua relevância para a formação do iluminismo em Portugal.³ Sua obra magna, a *Recreação Filosófica* (1751-1800) publicada em dez tomos é tida como uma obra fundamental na difusão das ideias ilustradas em solo lusitano. Os dois últimos tomos da *Recreação* onde Almeida se debruçou sobre a moral foi longamente analisado por seus estudiosos.

² BRAGA, Isabel M. R. Drumond. As realidades culturais. In: MENESES, Avelino de Freitas (cor). **Nova história de Portugal: Portugal da paz da Restauração ao ouro do Brasil**. Editorial Presença, 2001, p.509.

³ Além dos que referiremos ao longo do trabalho, poderíamos lembrar dos seguintes: AZEVEDO, Ferdinand. **Teodoro de Almeida (1722-1804) and the portuguese enlightenment**. Washington: The Catholic University of América, 1975. AZEVEDO, Ferdinand. **Padre Teodoro de Almeida: um oratoriano no Iluminismo português**. *Revista Brotéria*, Vol. 109, 1979, p. 301-317. AZEVEDO, Maria Leopoldina de. **Padre Teodoro de Almeida – Subsídios para o estudo de sua vida e obra**. Coimbra: Dissertação de Licenciatura Datilografada, 1960. DOMINGUES, Francisco Contente. **Ilustração e Catolicismo: Teodoro de Almeida**. Lisboa: Edições Colibri, 1994. DOMINGUES, Francisco Contente. Um projecto enciclopédico e pedagógico: A *Recreação Filosófica* de Teodoro de Almeida. *Revista de História das Idéias*, Vol.10, 1988. p. 235-248. DOMINGUES, Francisco Contente. **Teodoro de Almeida (1722-1804)**. Subsídios para uma biografia. F.C.S.H. da Universidade Nova de Lisboa: Dissertação de Mestrado, 1986. DUARTE, Maria Teresa. **A filosofia do padre Teodoro de Almeida, através da “Recreação Filosófica”**. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa: Dissertação de Licenciatura, 1959.



Um dos traços fundamentais da reflexão antropológica iluminista, a saber, o ideal de Humanidade se configurou como um dos valores mais elevados para o homem. Nesse quadro, a moral passa a ser concebida em esfera autônoma à teologia. Subordinada aos imperativos da razão, a Ética devia corresponder aos anseios de perfectibilidade espiritual e moral do homem, dar sentido à liberdade dos atos humanos e salvaguardar o direito dos indivíduos à felicidade terrena.⁴

A razão encarada como fonte das verdades morais debate-se com o problema da superioridade da moral evangélica, vista como fruto da revelação divina. Tal problema foi exposto por Antônio Soares Barbosa no *Tratado Elementar de Filosofia Moral* (1792). No debate de ideias realizado à época a resposta em favor de uma apologética foi predominante entre diversos pensadores portugueses, incluindo Teodoro de Almeida.⁵

As fontes mais exploradas para se verificar os delineamentos da questão ética e moral no pensamento de Teodoro de Almeida foram os dois últimos tomos da *Recreação Filosófica*, publicados respectivamente em 1793 e 1800. Neles, o oratoriano debate uma série de questões, e como Marta de Mendonça pode notar

Há, no entanto, um elenco de teses que atravessam todo o texto e uma espécie de balanço global da ética moderna que se poderia resumir do ponto de vista formal ou metodológico nas seguintes acusações, mais ou menos explicitamente formuladas: Acusação de superficialidade; acusação de incoerência; acusação de manipulação e instrumentalização do discurso; dogmatismo e irracionalidade.⁶

No tomo X da referida obra, Teodoro de Almeida organiza seu discurso em três partes. Na primeira aborda os deveres do homem para com Deus. Na segunda, ocupa-se do que o homem deve em relação a si mesmo. E finalmente, detém-se na reflexão das bases éticas da vida social, ou os deveres do homem nas suas relações com os seus semelhantes.

Não obstante, buscaremos argumentar no presente trabalho que o combate à moral da filosofia moderna não foi realizada apenas na *Recreação Filosófica*, mas foi também matéria de reflexão no púlpito do oratoriano. E para isso analisaremos um sermão em específico, pregado em 1778 ou 1779 em Lisboa, e que foi publicado no terceiro tomo dos *Sermões*.

⁴ ARAÚJO, Ana Cristina. Cultivar a razão, educar e civilizar os povos: a filosofia das Luzes no mundo português. **Revista de História Regional**, 19(2): 263-281, 2014, p.266.

⁵ *Ibidem*.

⁶ MENDONÇA, Marta de. O problema moral em Teodoro de Almeida. **Revista de Estudos Filosóficos**. Minas Gerais, n. 7, 2011, p.106-118, p.112.



Ali Teodoro de Almeida avalia os livros de pensadores como Voltaire, Rousseau, Marmontel entre outros como uma peste que começava a se proliferar em solo lusitano. Um veneno que contaminava diversas pessoas, espalhando as doutrinas ímpias de tais filósofos, contrariamente à boa razão da religião católica. Se os historiadores se debruçaram com mais afinco na *Recreação Filosófica*, aqui buscaremos mostrar como tal questão foi encarada por Almeida anteriormente no púlpito. Começamos por situar o oratoriano na cultura de seu tempo, depois tecemos algumas considerações metodológicas sobre os sermões para então averiguar como a matéria aventada aparece na fonte investigada.

2 TEODORO DE ALMEIDA E A CULTURA DE SEU TEMPO

A formação intelectual de Teodoro de Almeida teve início na Congregação do Oratório, instituição erigida primeiramente em Roma no ano de 1565 pelo clérigo florentino Felipe Neri, tendo sido acolhida em diversas outras partes da Europa. Em Lisboa onde se instalou no ano de 1668 o trabalho desempenhado pelos oratorianos caracterizou-se pelo seu caráter assistencial voltado à recuperação daqueles que viviam à margem da sociedade, além de ter sido um importante centro difusor das novas ideias filosóficas emanadas dos movimentos iluministas que grassavam em algumas partes da Europa, apontando deste modo, caminhos inovadores para a produção do conhecimento, e por conseguinte para a orientação pedagógica no Reino às vésperas do limiar do setecentos.⁷

Nesse tempo uma das bases mais significativas da cultura portuguesa foi a valorização da língua pátria, o que implicou na paulatina subalternização do latim que era utilizado sobretudo pelos membros do clero. Para esses a utilização dessa língua fazia parte do cotidiano, ao contrário do uso de alguns laicos, decorrente dos currículos escolares onde o aprendizado da lógica, retórica, aritmética e todos os outros saberes se dava em latim.⁸

A prática privada e silenciosa da leitura foi uma transição marcante na época moderna, e Portugal acompanhou essa tendência. Ao mesmo tempo é possível notar alguns eventos significativos para esse contexto, como a fixação de uma ortografia, a utilização da imprensa e a gramaticalização das línguas vulgares. Pessoas menos cultas mas capazes de ler e escrever

⁷ GOVASKI, Patrícia. **Ilustração e filosofia natural em Portugal** : a Recreação Filosófica (1751-1800) do padre Teodoro de Almeida. Universidade Federal do Paraná: Dissertação de Mestrado em História, 2017, p.30.

⁸ BRAGA, Op.cit., p.425.



em portugueses somaram-se àqueles conhecidos consumidores de letra impressa, como os membros do clero, letrados, cortesãos e mercadores endinheirados. Consequentemente, nota-se o aumento paulatino do público leitor.⁹

Na segunda metade do século XVIII era notável a importância pedagógica da Congregação do Oratório onde Teodoro de Almeida foi admitido como membro aos 13 anos de idade, fato incomum no meio oratoriano, conforme indica os estatutos da instituição, que preconizavam os 18 anos de idade para o ingresso de seus membros. Sendo assim o jovem dedicou-se à filosofia por três anos, seguindo por mais quatro no ramo da teologia, e aplicando-se ao estudo da matemática posteriormente. Sob a tutela do padre João Baptista de Castro conheceu as novas ideias que configuravam o quadro da filosofia moderna, sobretudo as iluministas.¹⁰

Teodoro de Almeida ordenou-se sacerdote no ano de 1744, ocupando o posto de pregador da congregação logo na sequência. Em 1748 foi nomeado professor de filosofia do convento das Necessidades, atividade que desempenhou até o ano de 1754, tendo como pupilos entre outras figuras da nobreza, José Maria Távora, filho do Marquês de Távora. Suas bases filosóficas indicavam a formação ilustrada que teve. Descartes, Newton, Locke e uma gama de outros importantes pensadores endossavam as atividades intelectuais do clérigo, que contribuiu em grande medida para a conformação do iluminismo português.¹¹

A década de 1740 presenciou eventos de grande relevo para as mudanças no clima intelectual lusitano. Podemos citar a publicação do *Verdadeiro Método de Estudar*, de Luís Antônio Verney, e da *Lógica Racional, Geométrica e Analítica* de Manuel Azevedo Fortes, obras fundamentais da ilustração portuguesa. Os trabalhos científicos realizados por D. Rafael Bluteau e pelo 4. Conde da Ericeira, D. Francisco Xavier de Meneses, assinalou em Portugal um importante marco que convergiu com o novo clima propugnado pelas Luzes na Europa. Sob os auspícios de D. João V contemplam-se inúmeros pontos nodais para a participação do Reino lusitano nesse novo cenário, como a instituição da Aula de Física Experimental no Palácio das Necessidades, e ainda as aulas de filosofia proferidas pelo P. João Baptista na Congregação do Oratório.¹²

⁹ Ibidem, p.487.

¹⁰ GOVASKI, op.cit., p.43.

¹¹ Ibidem, p.35.

¹² BIRON, Berty. Considerações acerca do iluminismo luso-brasileiro. RCL, **Convergência Lusíada** n. 32, julho - dezembro de 2014, p.1.



Na esfera política, Sebastião José de Carvalho Melo, o Marquês de Pombal, primeiro ministro de D. José I, determinou em grande medida o desenvolvimento do ideário ilustrado em Portugal. Sob sua égide, *De suprema regnum* de Antônio Pereira de Figueiredo, obra de fundamental importância para os desígnios da monarquia foi publicada; e ainda a *Dedução Cronológica e Analítica* (1768) que precede os dois documentos mais característicos concernentes às reformas empreendidas no campo educacional: o *Compêndio Histórico do Estado da Universidade de Coimbra* (1771) e os novos *Estatutos da Universidade de Coimbra* (1772).¹³

A atuação política de Pombal forjou uma contradição essencial para a compreensão da conjuntura intelectual em quadro. Contrapostas, de um lado as trevas, representadas pelos inicianos, de outro, as luzes redentoras tendo o estado pombalino como baluarte. A Companhia de Jesus foi elegida como a principal causa do atraso e decadência cultural e intelectual do Reino, uma vez que tinha amplo domínio da esfera educacional. Desse modo tornava-se urgente a expulsão destes homens dos domínios lusitanos.¹⁴

A filosofia peripatética, vértice do edifício educacional imaciano foi amplamente denunciada como retrógrada, abstrata e contrária às novas ideias científicas que visavam o progresso humano tendo como pedra de toque a verdade auferida por meio do método racional e científico. Os sistemas abstratos e as cosmologias seiscentistas eram objetos de repúdio por essa nova ciência, que também em Portugal revestiu-se de um caráter multidisciplinar. Nesse quadro a epistemologia newtoniana aliada aos preceitos de John Locke foi a base da nova forma de produção do conhecimento. Em terras lusitanas o ecletismo caracterizou a forma de pensar dos mais importantes intelectuais, assim como um forte pedagogismo foi associado à figura do governo real.¹⁵

O repúdio aos jesuítas não deve ser entendido em um quadro que apresenta de forma antitética o iluminismo e o catolicismo. A ilustração portuguesa não foi avessa ao catolicismo, pelo contrário, objetivou em grande medida, sobretudo na esfera moral, atualizar a tradição de pensamento católico aos novos paradigmas advindos das luzes europeias. A forte influência de

¹³ CARDOSO, Tereza Maria Rolo Fachada Levy. **As luzes da educação: fundamentos, raízes históricas e prática das aulas régias no Rio de Janeiro. 1759-1834.** Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2002, p.141.

¹⁴ CARVALHO, Flávio Rey de. **Um Iluminismo português? A Reforma da Universidade de Coimbra de 1772.** Universidade de Brasília: Dissertação de Mestrado em História: 2007, p.35.

¹⁵ JUNIOR, Eduardo Teixeira. **O método em Verney e o Iluminismo em Portugal.** Universidade Federal Paraná: Tese de Doutorado em História, 2015, p.95.



pensadores italianos como Muratori e Genovesi em figuras de destaque no meio intelectual português corrobora a ideia de atualização do pensamento cristão, que ao contrário de diversos pensadores ingleses e franceses não defendia princípios deístas e materialistas.¹⁶

Entendida como paradigma absoluto das ações humanas a razão também sustentaria, de acordo com alguns pensadores desse contexto, a possibilidade de uma sociedade a-religiosa, fundada exclusivamente na moral. Tal ideia pode ser rastreada na influência de Pierre Bayle e sua noção do ‘ateu virtuoso’ e na liberdade filosófica de Spinoza. Ambos os autores se situam na esfera daquilo que se poderia chamar de jurisdição universal da consciência, onde a questão da tolerância é central.¹⁷ Vemos a partir daí a aproximação de um deísmo, que propõe uma religião natural preceituada por uma moral universal, cuja supremacia não admitiria instituições eclesiásticas ou ortodoxias religiosas.¹⁸

A título de exemplo, o já citado Anastácio da Cunha buscou harmonizar o conceito de divindade providente e benfazeja de Pope com o conceito de artífice inacessível e insondável de Voltaire. Procura-se desse modo elevar a liberdade à categoria de linguagem universal do homem em busca da felicidade. Nesse seguimento, o tolerantismo se torna, no final do século XVIII, um problema a ser enfrentado pelos setores católicos ilustrados, pois é confundido com os mais altos desígnios dos homens das luzes e dos insondáveis caminhos abertos por libertinos, ateus, materialistas e revolucionários. A tolerância religiosa e civil passa a ser vista como uma ameaça ao catolicismo, aos bons costumes que fundamentavam a moralidade pública e à ordem política da monarquia.¹⁹

Nesse sentido, a definição que Cândido dos Santos deu ao Iluminismo português nos permite ter uma visão holística acerca de sua relação com o catolicismo. Nas palavras do autor tal movimento pode ser lido como um iluminismo católico, pois

caracterizou-se pela renovação da liturgia, pelo abandono de formas populares de devoção, pelo sentido histórico, pelo gosto da história eclesiástica, pela oposição ao escolasticismo, pela austeridade moral e recusa do probabilismo, pela predileção das

¹⁶ CARVALHO, op.cit., p.25.

¹⁷ Schwartz (2009) rastreou o desenvolvimento das manifestações de tolerância no mundo ibérico, assumindo uma postura metodológica que segue as ideias em sua heterogeneidade, contestando pressuposições universalistas acerca do tema. O autor defende que nos meios intelectuais a ideia de tolerância vinha sendo desenvolvida desde os tempos de Spinoza, até culminar no cerne do pensamento iluminista do século XVIII. Havia no entanto, outra fonte de manifestação de ideias de tolerância vinculada nas tradições populares ibero-americanas. SCHWARTZ, Stuart B. **Cada um na sua lei**. Tolerância religiosa e salvação no mundo ibérico. São Paulo: Editora Schwartz, 2009, p.193

¹⁸ ARAÚJO, op.cit., p.267

¹⁹ Ibidem, p.268



línguas vulgares, pela crítica do barroco de pregação etc ... assim, alguns aspectos deste movimento regalista em política, jansenista em moral, progressista na cultura anti-Aristóteles e anti-Escolástica estão presentes em Portugal. Regalista, Jansenista e progressista. Não, porém, anti-religioso como na França. É, talvez, anti-clerical. Com certeza, anti-jesuíta. Como quase todas as ordens religiosas e uma parte dos bispos portugueses.²⁰

Mas logo as luzes se transformaram em trevas para Teodoro de Almeida. Conforme Eugênio dos Santos:

Nos anos que cobrem os fins da década de cinquenta e os inícios da seguinte, a maioria dos membros do instituto a que Teodoro pertencia mantinha relações difíceis com o poderoso ministro de D. José. A intransigência deste último tinha que fazer vítimas entre aqueles que ousassem opôr-se-lhe. E foi o que aconteceu ... Quatro dos filipinos mais ilustres tiveram que deixar Lisboa a caminho do desterro. Chamavam-se João Baptista, João Chevalier, Teodoro de Almeida e Clemente Alexandrino. O primeiro e último foram para o Hospício de Monção de onde, depois, o padre alexandrino, irmão de João Baptista, passou para Viseu, prestando a essa cidade excelentes serviços. Teodoro rumou ao Porto e João Chevalier esperava-o o remoto Alto Douro, como já referimos. Que crime, afinal, haviam cometido? Recusaram o *imprimatur* às ideias regalistas da obra *De Protestate Regis* escrita pelo intendente geral de polícia Inácio Ferreira Souto 'mas inspirada diretamente por Pombal'. João Baptista e Teodoro manifestaram sem equívocos o seu desacordo para com a doutrina do escrito. O mesmo acontecendo, ao que se presume, aos outros dois, até porque João Chevalier era homem de prestígio firmado.²¹

Nesse sentido, os dias que se seguiram no trajeto de Teodoro de Almeida foram marcados pela perseguição do Marquês de Pombal, tendo que partir de Lisboa imediatamente, reconhecendo morada na cidade do Porto, onde chegou em 1760. Nessa cidade obteve acolhimento e sustentação para continuar exercendo seus trabalhos de missionário e escritor até 1768. O ano seguinte tornou-se traumático para o padre, que não conseguiu fixar moadia em nenhum dos lugares por onde esteve. Adquiriu nesse tempo grande aversão por viagens marítimas, passou ainda por humilhações, como quando fora expulso do solo espanhol acompanhado por oficiais de justiça armados. No entanto, em 1769 conseguiu sossego espiritual em Bayonne, na França, onde permaneceu junto ao mosteiro das religiosas da Visitação. Gozou de grande prestígio nesse lugar por oito anos, aliando trabalhos religiosos à prática docente.²²

Se por um lado os anos finais de seu exílio deram-se sob conforto e estabilidade financeira, por outro a saudade de sua terra natal não o deixava completamente em paz. O

²⁰ SANTOS, Cândido dos. **Matizes do Iluminismo católico da época pombalina**. Faculdade de letras da Universidade do Porto, 2004, p.949-956.

²¹ SANTOS, Eugênio dos. Para a história da cultura em Portugal no século XVIII: Oração de abertura da Academia de Ciências de Lisboa do padre Teodoro de Almeida. **Repositório Digital Universidade do Porto**, 1980, p.53-90, p.63.

²² *Ibidem*, p.75.



retorno à pátria ocorreu em maio de 1778, quase um ano após a queda de Pombal. Em Lisboa, não tardou em retomar aquilo que o diferenciou entre os demais, a aguda lida com as matérias do intelecto.²³

Em 1779 um antigo projeto de Teodoro de Almeida idealizado em parceria a um amigo também apreciador das mais diversas ciências, o Duque de Lafões, materializou-se enfim na capital do reino. A Academia Real das Ciências de Lisboa configurou-se como um importante espaço de produção e divulgação do conhecimento.²⁴

Entre 1792 e 1795 Teodoro de Almeida retornou à docência na Congregação do Oratório, ministrando aulas de filosofia natural na Casa das Necessidades. Nos anos finais do século XVIII continuou atuando vigorosamente nestes mesmos ambientes de produção intelectual. Faleceu em 10 de abril de 1804 legando uma vasta produção composta por obras como: *Recreação Filosófica* (1751-1800), *O feliz independente do mundo e da fortuna* (1779), *Sermões* (1787), *Lisboa destruída* (1803), *A morte alegre do filósofo cristão*, *Uma drama para a festa de nascimento do menino Jesus*, *A vida alegre do filósofo cristão* (as três publicadas em 1767), entre outras.

3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A PARENÉTICA

Na época moderna a prática sermonística era multifacetada, atendendo a vários objetivos. Havia a pregação de cariz pedagógico, pastoral ou ordinária, voltada à educação para a fé, senão para um modelo de homem e sociedade, que estava a cargo dos bispos e dos párocos, e ainda aquelas de cunho encomiástico (panegírico e oração fúnebre), deprecatório (prece), eucarístico (ação de graças) e gratulatório (regozijo), que reforçavam o caráter edificante das utopias laicas vigentes. A oratória cortesã e cidadina cabia ao pregador régio, figura distinta dada a função política destacada. Seu cariz era mais amplo do que o religioso, alcançava interesses sociais e pretendia-se uma espécie de filosofia moral.²⁵

A peça oratória se situa na esfera da eloquência sacra. Dirigindo-se à comunidade dos fiéis por força das obrigações do ministério eclesiástico, como nos lembra João Francisco Marques, “a intervenção do orador, mesmo quando preparada, pode não haver sido previamente

²³ Ibidem, p.76.

²⁴ Ibidem, p.79.

²⁵ BRAGA, op.cit., p.509.



reduzida a escrito ainda que só num esquemático alinhamento de ideias.”²⁶ Nesse ensejo muitas questões surgem para o pesquisador de tais fontes documentais:

Como averiguar a fidelidade do texto dado ao público e a oração realmente pronunciada? Os tópicos elaborados antes e a posterior redação integral do discurso? O texto concebido para o ato e a sua inclusão mais tardiamente na edição, às vezes póstuma, da obra oratória do pregador? O texto impresso não era a única via de difusão do sermão, que corria também de forma manuscrita. A sua expansão dependia do renome do pregador e da importância do assunto.²⁷

Ao ser impresso o sermão assume um caráter diferente, seu alvo já não é o ouvinte mas sim o leitor. Nesse formato, extrapola o espaço do templo ou o recinto da praça onde foi escutado para circular numa área mais ampla e diversificada. Se dirige ao homem culto e aos diletantes, ao eclesiástico, leigo, nobre, burguês letrado entre outros atores do cotidiano. Muitos sermões publicados não eram sequer pregados. A atualidade do tema abordado era mais um estímulo para a sua difusão e procura.²⁸

Tendo sido determinado um tempo restrito para a pregação no púlpito, muitos pregadores ampliavam os sermões para serem impressos. Tais acréscimos se davam a partir de informações e talvez de queixas de ouvintes só possíveis depois de feita a pregação. Em muitos casos as peças oratórias se avolumavam, se assemelhando a tratados.²⁹

O formalismo do texto parenético servia como modelo estrutural para muitos outros tipos de textos que circulavam. Continham as peças oratórias justificações moralizantes, dados históricos e genealógicos, testemunhos de milagres e profecias que faziam também parte dessa produção literária circulante. Essa situação textual importa na medida em que diversos sermões eram ampliados a partir de trechos explanatórios desses demais textos. Um texto assim trabalhado pode ser visto como absorção e transformação de uma multiplicidade de outros textos, tendo papel fundamental na cultura escrita.³⁰

Nesse sentido os *Sermões* do padre oratoriano Teodoro de Almeida representa uma prática discursiva no interior da cultura portuguesa da segunda metade do século XVIII. O que em outras palavras significa que frente às múltiplas representações daquela realidade social (sua

²⁶ MARQUES, João Francisco. **A Parenética Portuguesa e a Restauração**, 1640-1668, a revolta e a mentalidade. Porto, INIC – Centro de História da Universidade, 1989, p.8.

²⁷ Ibidem.

²⁸ Ibidem, p.9.

²⁹ Ibidem, p.10.

³⁰ Ibidem, p.26.



descrição segundo o modo como os agentes culturais pensavam que ela fosse ou como desejassem que ela fosse) se fazia como produtora de ordenamento de tais visões de mundo.

No entanto, se nos foge o modo como tal discurso foi apropriado, ressignificado, é possível descrever algumas condições e processos determinantes das operações construtoras de sentido, tendo em conta as diferenças entre a apropriação de um sermão proferido e um sermão lido, tornado portanto um material impresso, submetido às transformações posteriores, encarnada em um processo editorial, que agora deve levar em consideração diversos outros fatores materiais que condicionam sua difusão e por conseguinte sua apropriação. Essa dinâmica nos mostra que “as categorias aparentemente mais invariáveis devem ser construídas na descontinuidade das trajetórias históricas.”³¹ Passemos então à descrição geral das temáticas abordadas por Almeida nos seus *Sermões*.

A obra parenética de Teodoro de Almeida foi publicada em três tomos, todos no ano de 1787. No prólogo, Teodoro explana alguns dos objetivos que o levaram a publicar seus *Sermões*.

Se tantos livros maus há que são muito defeituosos no estilo, e frase, e linguagem, os quais mentindo, se encaminham a semear nos corações humanos costumes perversos; porque se não sofrerá na República das Letras um livro, que só diz a verdade pura do evangelho, e persuade o bem, ainda que o tenham por frio, insípido, languido, e comum. Lá cairá nas mãos do oficial rude, da donzela recolhida, do preso atribulado, da pobre velha, que entendem o estilo simples, lá o levarão ao doente solitário, que não podendo ir à igreja, se quer consolar nos dias festivos com estes sermões mudos, e lhes poderão ser úteis.³²

O primeiro tomo, intitulado *Sermões de Nossa Senhora*, é conformado por quinze peças oratórias, quais sejam: I- Sermão para a festa da Conceição, pregado em Lisboa, no ano de 1779; II- Para uma missa nova em dia da Senhora dos Martyres, pregado em Lisboa, no ano de 1779; III- Para a Natividade da Senhora, pregado em Lisboa, no ano de 1756, depois do famoso terremoto; IV- Para uma missa nova na festa da Senhora das Mercês, pregado em Lisboa, no ano de 1780; V- Do Santíssimo nome de Maria, pregado em Lisboa, no dia da Exaltação da Cruz, em 1755; VI- Para a Soledade da Senhora, pregado em Lisboa, em 1779; VII- Para a restituição da imagem da Senhora das Necessidades, depois de falecer o Senhor Rei D. Pedro

³¹ CHARTIER, R. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel. 2002, pp.26-27.

³² ALMEIDA, Theodoro de. *Sermões do P. Theodoro de Almeida, da Congregação do Oratório*. Lisboa : Na Offic. de António Rodrigues Galhardo, Impressor da Real Meza Censoria, 1787, pp.5-6.



III, pregado na igreja das necessidades, em 1786; VIII- Da Senhora da Piedade, pregado em Lisboa, em 1757 em ações de graças quando o Duque de Lafões D. João de Bragança saiu de Portugal para ir militar em Alemanha; IX- De assunção da Nossa Senhora, pregado em Lisboa em 1767; X- Da fugida de Nossa Senhora para o Egito, pregado na igreja da congregação do Porto, em 1764; XI- II do Santíssimo nome de Maria, pregado em Lisboa na Dominga 14 depois da pentecoste, ano de 1778; XII- Da Senhora de Nazareth, pregado na igreja da congregação do Porto, no dia da dedicação da sua catedral, em 1764; XIII- II Da conceição da Senhora, pregado em Lisboa, no ano de 1782; XVI- II Da Senhora das Necessidades, pregado em Lisboa no ano de 1786; XV- Sobre um prodígio da Senhora das Necessidades, pregado em Lisboa no dia dos apóstolos S. Felipe e S. Thiago, em 1780.

O tomo dois têm como título *Sermões Quaresmais*, sendo composto por treze sermões, a saber: I- Sermão para a primeira domingo da quaresma, pregado em Lisboa na igreja da Senhora das Necessidades em 1783; II- Para a segunda domingo da Quaresma, pregado em Lisboa na igreja da Senhora das Necessidades, em 1780; III- Para a terceira domingo da Quaresma, pregado em Lisboa na igreja da Senhora das Necessidades, em 1785; IV- Para a quarta domingo da quaresma, pregado em Lisboa na igreja da Senhora das Necessidades, em 1786; V- Para a quinta domingo da Quaresma, pregado em Lisboa na igreja da Senhora das Necessidades, em 1782; VI- Para a festa das dores da Senhora, no dia da sua Encarnação, pregado na igreja da Congregação do Porto, em 1768; VII- Para domingo de ramos, pregado em Lisboa na igreja da Senhora das Necessidades, em 1784; VIII- Da paixão pregado em Lisboa na igreja da Senhora das Necessidades, em 1778; IX- II da Soledade da Senhora, pregado em Lisboa na igreja da Senhora das Necessidades, em 1783; X- II para domingo de ramos, pregado na missão de passo d'arcos em 1755; XI- III da Soledade da Senhora, pregado na igreja da Congregação do Porto, em 1764; XII- IV para a soledade da santíssima virgem, pregado na real casa de n. senhora das Necessidades, no ano de 1755; XIII- V para a soledade de nossa senhora, pregado na igreja da senhora das necessidades, em 1760.

O terceiro tomo leva o título de *Panegíricos*³³. É composto por 15 sermões, intitulados respectivamente: I- Sermão para a festa de São Felipe Néri; II- de São Francisco de Sales; III- de S. Carlos Borromeo; IV- Para a festa de Santa Ana; V- Para o dia dos Santos Inocentes; VI-

³³ Até o presente momento de nossa pesquisa não conseguimos ter acesso ao segundo e terceiro tomo em língua portuguesa, de modo que estamos utilizando as edições espanholas. O sumário do terceiro tomo não apresenta as datas e locais onde os sermões foram pregados.



Para o dia de São Miguel; VII- Da instituição do Santíssimo Sacramento; VIII- Para a festa da Conceição da Senhora; IX- Para o dia de S. Joaquim; X- Sermão II para a festa de S. Felipe Néri; XI- Para o reparo de Nossa Senhora; XII- Sermão II do Santíssimo sacramento; XIII- para a festa do Espírito Santo; XIV- da Ascensão; XV- Sermão III do Santíssimo Sacramento.³⁴

Para melhor organizar nossa análise descritiva resolvemos agrupar os sermões de acordo com os temas apontados nos títulos dos mesmos, malgrado as diferentes abordagens realizadas pelo pregador no interior de seu discurso. Desse passo analítico resultaram 11 grupos: 1)- Soledade de Nossa Senhora (5 sermões); 2)- Domingas quaresmais (5 sermões); 3)- Domingo de Ramos (2 sermões); 4)- Santíssimo Sacramento (3 sermões); 5)- Santos em geral (8 sermões); 6)- Conceição de Nossa Senhora (3 sermões); 7)- Missa nova (2 sermões); 8)- Santíssimo nome de Maria (2 sermões); 9)- Nossa Senhora das Necessidades (2 sermões); 10)- Outras festas (3 sermões); 11)- Avulsos sobre Nossa Senhora (8 sermões).

Malgrado a divisão em três tomos por parte do autor e o nosso próprio agrupamento, é bem nítido que o tema geral, ou a personagem central do discurso parenético em questão é Nossa Senhora. Definida como fonte de consolo, amparo e refúgio para todos os homens e mulheres, a devoção mariana é o grande escopo de tais sermões, inclusive do que elencamos como fonte desse trabalho, que passaremos a analisar a seguir.

4 O PÚLPITO COMO LUGAR DE COMBATE: TEODORO CONTRA AS MODERNAS HERESIAS

O sermão em questão tem o título de *Sermão para o reparo de Nossa Senhora, das blasfêmias que contra ela proferiram as modernas heresias*. Almeida começa o sermão explicando que aquela solenidade celebraria o triunfo da religião contra a incredulidade dos portugueses, motivo pelo qual a ocasião se revestia de luto.³⁵

Na sequência exclama em tom de advertência: “como se obscureceu o ouro puro de nossa fé, que brilhava com vivíssima cor, e servia de consolo à igreja, de inveja aos estrangeiros,

³⁴ A obra parenética datada e localizada totaliza vinte e oito sermões. Vislumbrando as composições cronologicamente, atentos ao fato de que o oratoriano viveu em exílio durante dezessete anos (de 1760 a 1777), oito deles passados na cidade do Porto e mais nove em alguns países europeus, percebemos que cinco sermões foram pregados antes do exílio, outros cinco durante o tempo no Porto, e dezessete após seu retorno à Lisboa.

³⁵ ALMEIDA, Teodoro de. **Sermones del padre D. Teodoro de Almeida De la Congregación del Oratorio de San Felipe Neri de Lisboa, de la Academia Real de las Ciencias, de la Socied Real de Londres, y de la de Viscaya**. Tomo II. Sermones de Quaresma. Madrid, en la Imprenta Real. 1988, P.204



e de admiração ao mundo!” Para o pregador era lamentável reconhecer que os que possuíam grande fé abraçaram os mais vis e grosseiros erros, se encontrando naquela ocasião afundados na lama imunda e abominável das impiedades.³⁶

Para reforçar sua advertência e o enorme pesar, tece elogios ao caráter português apelando à memória dos grandes feitos:

zelo nunca antes visto, e jamais bastantemente imitado ... a custa de seu próprio sangue foram plantar a fé nos mais remotos climas ... se tornaram os novos apóstolos da África, Ásia e América, causando inveja às outras nações ... quem diria que estes portugueses teriam filhos que são o horror da religião, o escândalo do mundo, e a desonra da mesma humanidade.³⁷

Teodoro de Almeida compara a incredulidade portuguesa à um corpo enfermo, e sublinha que a desonra desses filhos portugueses é como uma ferida que segue vertendo sangue, que desnorteia o ânimo, assustado com a memória do ocorrido e temeroso com o futuro. A alma prostrada e triste na ocasião dos louvores solenes da igreja faz com que o sangue do coração saia pelos olhos, completa na sequência.

As atitudes heréticas dos novos ímpios seriam caracterizadas, grosso modo, por duas heresias. A primeira seria o atentar contra os evangelhos ao renunciarem a virgindade de Maria, e a segunda seria a defesa da ideia de que Deus nunca falou com os homens, ao contrário da proposição “bem aventurados os que ouvem com respeito a palavra de Deus.”³⁸

A palavra de Deus encarnada faz toda a felicidade da virgem, argumenta o orador, e a palavra de Deus revelaria a felicidade dos homens. Os incrédulos daquele momento queriam privar a virgem e os homens de sua felicidade. Contra esse ímpeto vil e errado se dirigiria o sermão proferido naquela ocasião, justifica o oratoriano.

Ao expor os pontos que organizam o discurso, Teodoro ressalta que não se trataria de afetos tristes apenas, mas de louvar o fato de que a misericórdia de Deus e o patrocínio da Senhora triunfou dessas impiedades. Do horror das impiedades se tiraria utilidade para a prevenção do contágio. O entendimento e o discurso estariam alterados entre dois afetos: o sentimento e o horror, que fariam impróprios os ornatos, e mais presentes o cair e enxugar das lágrimas.³⁹

³⁶ Ibidem, p.205

³⁷ Ibidem, p.206

³⁸ Ibidem, p.207

³⁹ Ibidem, p.208



A súplica à virgem é um trecho bastante elucidativo pois apresenta em resumo os principais pontos do discurso, a saber: as injúrias feitas aos céus; louvores e sentimentos de horror ofertados como reparo e felicidade pelo triunfo da misericórdia divina; injúrias à humanidade e funestas consequências da negação da palavra de Deus; e cautela contra semelhante influência.

Teodoro afirma não saber elucidar o contágio em Portugal como no exterior, ou ainda como estaria o caso português se não fosse a atividade vigilante dos sentinelas de Cristo, com certeza os membros da Real Mesa Censória, a quem cabia a função de avaliar os livros e censurá-los. Mas, seria possível afirmar a existência de sementes e princípios desse mal. Na sequência adverte:

os homens que são hereges são homens falhos como os que não são, mas que tem de vigiar suas condutas para não se tornarem. Esses homens também beberam do leite do cristianismo conforme a razão, como inferiu São Pedro. Beberam o sangue de Cristo e negaram, que horror! Não os armeis de sanha e cólera contra eles, mas sim de compaixão e piedade.⁴⁰

Almeida mostra enorme espanto frente à imprudente ação do ímpio contra Deus, de modo que faz uma pintura negativa da figura humana. Em suas palavras o homem nada mais seria que um “pequeno verme”, quase figura de sonho, imagem e sombra, que não bem existe, logo desaparece; como confessa o coro dos incrédulos, homem que por pouco não acabou sendo nada.⁴¹

A principal arma dos incrédulos seria a espada da eloquência mais sagaz, aguda e penetrante, por meio da qual defenderiam suas blasfêmias, a saber: a negação da providência, condenação da justiça, escarnecimento da bondade divina, ridicularização dos mistérios e das ameaças. A seguir, Almeida traz à memória alguns hereges históricos. Cita os Nestorianos⁴²,

⁴⁰ Ibidem, p.209

⁴¹ Ibidem, p.210

⁴² Nestório (381-451) era um monge vindo da Anatólia. Foi o promotor da crença de que em Cristo haviam duas naturezas independentes entre si, uma divina e outra humana, completamente distintas. Esta doutrina ficou conhecida como nestorianismo. Vista pela igreja católica como uma heresia, foi combatida no Concílio de Calcedônia no ano de 451, onde ficou estabelecida a fórmula que unia as referidas naturezas na figura de Cristo, definindo-o como verdadeiro Deus e verdadeiro homem. Nestório chegou a ser arcebispo de Constantinopla entre os anos de 428 e 431. ANTISERI, Dario; REALE, Giovanni. **História da Filosofia: Patrística e Escolástica**. São Paulo: Editora Paulus, 2003, vol.2, p.36



Arianos⁴³, Gregos, Cismáticos, Judeus, Pagãos, Iconoclastas, Calvinistas⁴⁴, Luteranos e Socinianos,⁴⁵ que em sua visão fingiram para si deuses manchados pelas paixões e vícios humanos, que odeiam a pureza e a virgindade. E completa esta parte sublinhando uma vez mais os argumentos dos incrédulos, organizados em três principais: 1-Não se deve dar culto externo à Deus; 2- Deus não se importa se somos bons ou não; 3- De seu trono, Deus não se ocupa com esta pequena parte do globo.⁴⁶

Almeida propõe uma investigação da raiz desse mal para aplicar um lenitivo, se questionando “por que existem tantos apóstatas nesses dias?; muitos que saíram, devo dizer com lágrimas de santos, dos sacrossantos altares ... do grêmio da cristandade”,⁴⁷ e curiosamente exulta os ouvintes a não se contentar com lágrimas débeis, com uma dor que ele qualifica de feminina.

Antes de dar a resposta, o pregador supõe duas hipóteses. A primeira seria o possível medo das perseguições, como no tempo dos dioclecianos, das ameaças dos bárbaros Alfanges, os touros de bronze da morte. A segunda, um suposto sentimento de horror natural à morte e aos tormentos. Sua resposta é: “a causa total destes males, é a liberdade ímpia de pensar sem freio, e o desejo de pecar sem remorsos.”⁴⁸

Outra vez o orador traz à memória alguns casos de heresias históricas, de homens que em sua opinião tentaram acomodar Deus às suas paixões, e em decorrência disso causaram muito mal à seus coetâneos. A ambição de Ário na Síria e no Egito; a soberba Donatista na

⁴³ Ário nasceu na Líbia em 256, mesmo lugar onde morreu no ano de 336. Sua doutrina defendia que o filho de Deus havia sido criado do não-ser do mesmo modo como o resto. Tal preceito contribuiu para a promoção do Concílio de Nicéia em 325. Este evento da igreja fixou o credo católico, tendo como pontos centrais a crença em um só Deus onipotente e criador de todas as coisas, e em um só senhor, isto é, Jesus Cristo, filho de Deus. Ibidem, pp.56-57

⁴⁴ Defensores das ideias do francês João Calvino (1509-1564). Sua intensa atuação em Genebra se expressou em alguns postulados fundamentais de sua doutrina, como a ideia de Providência, vista como continuidade do ato de criação que contempla a todos, e a Predestinação, conceito que expressa aquilo que Deus previu para cada homem. Calvino acreditava ainda que o pecado original destruiu totalmente os dons sobrenaturais dos homens e que a salvação se encontra somente na palavra de Deus contida nas Escrituras. ANTISERI, Dario; REALE, Giovanni. **História da Filosofia: Do Humanismo a Descartes**. São Paulo: Editora Paulus, vol.3. 2004, p.77, vol.3

⁴⁵ O socinianismo expressa os preceitos defendidos pelos seguidores de Fausto Socino. Essa doutrina é contrária à concepção trinitária da divindade, considerando Deus uma só pessoa e Jesus Cristo como um homem. Esse pensamento se desenvolveu nos Países Baixos, na Polônia e na Transilvânia. BERKHOF, Louis. **A história das doutrinas cristãs**. Editora PES, 1992., pp.87-88.

⁴⁶ ALMEIDA, op.cit., pp.210-211-212

⁴⁷ Ibidem.

⁴⁸ Ibidem.



igreja africana⁴⁹; o desprezo de Lutero na Alemanha⁵⁰; os amores de Enrique VIII na Inglaterra⁵¹; a hipocrisia e tenacidade dos jansenistas franceses⁵². A seguir anota:

E que funestos incêndios nos experimentam hoje, e se choram por todas as partes, pelo desejo desordenado, de discorrer, de ler de falar sem freio, não o que diz o Evangelho, mas o que diz o coração? Todo mundo queima meus irmãos, arde: e as labaredas após a queima, o A terra já toca nos céus. Até que ele reges, os judeus e os mouros, é soletrado a doutrina que vai a todos os lugares esta nova impiedade se espalhando pelo mulheres e crianças, por artesãos e ignorar, secular e leigo 2. enfim, pelo quem não sabe responder, nem ousa im luta, ou por aqueles que gostam de ceder a a nova doutrina por estar na moda, e convenir ao apetite. Conheça meus irmãos que Falo de minha própria experiência e que minha razão manifesta a dor concentrada nele por muitos anos.⁵³

Com pesar o pregador infere que são inúteis as várias censuras que tentam opor a virtude, a decência, a luz da razão, como a queima de livros ímpios, a ação pastoral, os sermões dos oradores contra a irreligião e impiedade, as demonstrações filosóficas, a alegação dos santos livros pelos teólogos, os feitos inegáveis demonstrados pelos historiadores,

pois basta uma ode elevada e sublime, uma copla picante e harmoniosa, um dístico satírico e envenenado, uma história falsa e corrompida, mas escrita com graça, bastam para render o coração pervertido, e arrastar o entendimento ignorante, e amigo da liberdade.⁵⁴

Nessa altura do sermão, Almeida revela com uma pergunta retórica as raízes heréticas do mal a que ataca: “quem há que ignore, que todas estas injúrias contra o céu, se atribuem às

⁴⁹ Iniciada no início do século IV e extinta no final do século VII o donatismo foi uma seita religiosa cristã vista pela igreja católica como herética e cismática. Seu promotor foi o bispo da Numídia e depois de Cartago chamado Donato de Casa Nigra. Esse grupo foi muito influenciado por Tertuliano e São Cipriano. O rigor era a marca característica dos donatistas, que defendiam a exclusão dos pecadores do seio da igreja, sem a possibilidade de serem perdoados. Se posicionavam contrariamente aos *traditores* (aqueles que negaram serem cristãos durante o período da perseguição perpetrada por Dioclesiano (303-305).

⁵⁰ FEBVRE, Lucien. **Martinho Lutero, um destino**. Tradução de Dorothée de Bruchard. São Paulo: Três Estrelas, 2012.

⁵¹ FRASER, Antônia. **As seis mulheres de Henrique VIII**. Editora: Best Bolso. 2009

⁵² Nas palavras de Reale e Antiseri “O jansenismo toma seu nome do teólogo flamengo Cornélio Jansênio (1583-1638), que por 22 anos trabalhou no seu Augustinus, obra em três volumes publicada em 1640, em que pretendia expor a doutrina genuína de Santo Agostinho. Interessantes são as teses sobre a relação razão-fé, motivo pelo qual, em matéria de fé, a razão deve ser deixada de lado e é preciso recorrer à memória da tradição, em primeiro lugar a Agostinho; quanto ao problema da graça, Jansênio afirma que, se a caridade celeste não interviesse para determinar infalivelmente a vontade de fazer o bem, todas as ações humanas seriam pecaminosas. O Augustinus foi logo atacado pelos jesuítas, e em 1641 foi condenado pela sagrada Congregação do Index e da Inquisição.” ANTISERI, Dario; REALE, Giovanni. **História da Filosofia: do Humanismo a Kant**. São Paulo: Editora Paulinas, 1990, vol.4, p.161

⁵³ Ibidem, p.214

⁵⁴ Ibidem, p.215



obras de Voltaire, de Rousseau, de Marmontel e outros muitos que todavia ocultam seus nomes?”⁵⁵

Na sequência esboça um detalhado esquema da “sedução que leva à perdição.” Ele explana da seguinte forma: no princípio estes livros despertariam uma inocente curiosidade nas pessoas, o juízo e a alma seriam encantados pela harmonia do estilo, a graça dos pensamentos, a frase nova e delicada. Mesmo aqueles que iriam ler para impugnar sua leitura, aqueles que já conheciam seu refinado e oculto veneno seriam encantados.⁵⁶

No decorrer da explicação o pregador mostra o que acontece com aqueles que por insaciável curiosidade não medem os passos, acreditando estarem pisando em um campo de flores até sentir a picada de Aspid (espécie de cobra venenosa). Primeiramente, o livro oferece um título que bane os escrúpulos e move o apetite. Introduce uma irrisão graciosa com arte de forma paulatina, graça que é memorizada com facilidade. A matéria inocente é aplicada para disfarçar a ferida ocasionada, sugere o pregador, sendo que as blasfêmias mais duras não causariam tanto horror porquanto o veneno já estria presente no coração do leitor. Por conseguinte, a alma se tornaria cética sempre se questionando: quem sabe? A partir dessa dúvida continuaria estudando outros livros ímpios até que o entendimento ficaria perdido, a alma envenenada, o homem embrutecido e as paixões dominantes e senhoras da razão. Nesse seguimento Teodoro conclui “Esta é a origem, os progressos e o término desta enfermidade geral, enfermidade a que assisti tomando muitas vezes o pulso a esta espécie de enfermos.”⁵⁷

Almeida se serve de um princípio que ao seu ver seria confessado até mesmo pelos próprios ímpios para atacá-los, a inferência de que quando um homem está dominado por uma paixão, essa o impede de acertar qualquer juízo. Paixões que impedem os mesmos, defende o orador, de proferir juízos corretos sobre um assunto tão sublime como a religião.

Tais paixões incendeiam, segue argumentando, a terra toda e chegam ao céu, lugar de onde pode descer uma chama contra esse incêndio, a misericórdia de Deus e da Virgem, ambos ultrajados por estas chamas negras. O silêncio divino não significaria ignorância das blasfêmias,

⁵⁵ Ibidem.

⁵⁶ Avaliando *A Harmonia da Razão e da Religião*, Zulmira Santos ressalta que “Teodoro de Almeida recupera aqui uma temática disseminada pela grande maioria das obras da literatura apologética que se prendia à verificação de que os textos que procediam aos ataques contra a religião cristã possuíam uma qualidade de estilo que os tornava particularmente atraentes, em termos de leitura, potenciando a respectiva multiplicação.” SANTOS, Zulmira C. **Literatura e Espiritualidade na obra de Teodoro de Almeida (1722-1804)**. Faculdade de Letras da Universidade do Porto: Tese de Doutorado, 2002, p.363

⁵⁷ Ibidem, p.216



mas sim um servir-se das armas de sua santa paciência. Contra tais setas (palavras ímpias) Deus lança suas setas de amor, espera o pedido de perdão do pecador.⁵⁸

Enquanto os incrédulos estendiam seus braços em guerra contra deus, o mesmo estendia os seus exortando esses homens ao perdão, informa o pregador.

Nesta parte Teodoro busca convencer seus ouvintes da vitória divina por meio de um exemplo vivenciado na França (a Babilônia do Ocidente). O caso teria ocorrido dois anos antes do sermão ser proferido.⁵⁹ Almeida relata que o Monsenhor de Apehon, Arcebispo de Auch o contou um caso de uma nobre senhora parisiense que fazia de sua casa salão filosófico (aula pública de incredulidade) onde recebia os espíritos fortes (incrédulos), de modo que “a acompanhava dentro de casa um dos maiores homens de gênio e literatura, que hoje se conhece na França, calo seu nome porque vive”.

Teodoro afirma que Deus lançou uma seta na senhora que adoeceu, e lançou outra em sua alma. O juízo e o coração lutavam dentro do peito da nobre, narra Teodoro. Deus continuava enviando setas doces e silenciosas que encobriam os ferimentos até que um sobrinho seu veio à corte de longe para resolver negócios, sobrinho que era marquês e que Deus usou para desferir mais setas. Avisaram ao vicário de S. Sulplício que ouviu a confissão da nobre senhora, afirmando que seu coração estava cravado de setas do Senhor, depois de sessenta e cinco noites de luta. Perante o ocorrido, todos os membros da assembleia foram expulsos de sua casa. O relato é encerrado no momento em que afirma que o antigo dono da casa voltou ao Luvre, e Deus foi ao encontro da alma feliz da nobre, levando-a para si.⁶⁰

A seguir o orador esclarece que a felicidade alcançada por aqueles que não desejavam e nem mereciam as setas de Deus foram auferidas por meio da escuta das palavras divinas. Mas, se pergunta: “e quanto àqueles que não creem que Deus possa falar com os homens, seja por meio dos antigos profetas, seja por seu filho?”⁶¹

Almeida continua desenvolvendo sua argumentação onde expõe a proposição de Voltaire presente ao fim do segundo canto de seu famoso poema⁶² “com uma graça que encanta, com uma energia que embeleza, e com um veneno que mata”, “que é intolerável insolência e

⁵⁸ Ibidem, p.217

⁵⁹ De acordo com seus biógrafos, Teodoro de Almeida teria voltado à Portugal em 1778 partindo da França. Portanto isso indica que o sermão foi pregado em 1778 ou 1779.

⁶⁰ Ibidem, p.220

⁶¹ Ibidem, p.223

⁶² Certamente trata-se do poema intitulado *La religion naturelle, poème par M. Arouet de Voltaire*.



presunção, que coloque um homem leis a outro homem” que atine à absoluta liberdade. Voltaire postula a lei da natureza contra a lei positiva, denuncia o orador, sendo que a partir disso muitos seguiriam a lei natural, estando nas palavras de Teodoro, “alistados na bandeira levantada pelo filósofo francês como anota o oratoriano”.⁶³

Na sequência, ainda no mesmo parágrafo, o pregador explica as razões do amor próprio desses homens. O homem, argumenta, tem o divino código dentro de si, do qual é o único intérprete e nesse sentido acreditaria ser senhor absoluto de si mesmo, não admitindo sujeição a ninguém. Este postulado seria o elo de todos incrédulos na opinião de Teodoro e teria consequências funestas para a sociedade, como se pode ler no longo trecho a seguir

Vê, meus irmãos, as consequências somente deste princípio geralmente adotado; os pasmareis do estado deplorável da humanidade! Se não é lícito para um homem ousar dar leis a outro homem, alguém virá dizendo: Então todos os impérios e Reinos, todas as repúblicas e governos são injustos: quantos monarcas existem, então tiranos diremos: quantos magistrados haverão, eles nos parecerão muitos ladrões; porque nos privam da jóia mais preciosa, É liberdade natural, não servia. Veja o que horror! Se o pai que governa o filho, este poderá dizer Não Quero; porque eu sou dono de mim mesmo, não sirvam. Há ímpio entre estes, que ordena, que o filho deve olhar a seu pai como a um respeitável inimigo, Não sirvam: dirão as filhas à suas mães, os criados à seus amos, os soldados à seus chefes, os cidadãos aos magistrados, e os vassallos aos reis, Não sirvam. Vê, que escândalo, e que confusão! Deste princípio que os ímpios falam da lei da razão, interpretada a seu modo, há quem tire por consequência, que a regra de toda justiça é, que cada um busque o que lhe tenha em conta. Eu vi defender em público sobre esse princípio bárbaro, que o furto era louvável; que a violência das armas entre o ladrão, e o dono era virtude nos dois; e que só o representar-me uma ação, cômoda aos próprios interesses, embora prejudicial aos outros, bastava para ser louvável e vitoriosa. Vê que pestífera doutrina! Deste mesmo princípio tira o autor de um livro chamado os costumes: que cada qual deve abandonar-se à todas suas paixões, e que é grande loucura reprimí-las: outros inferem que é louvável, e não só permito o suicídio; que a esposa não deve fidelidade ao marido; que a decência é preocupação do vulgo; que a religião é uma cerimônia ridícula, e que do homem ao bruto não há outra diferença que o mais ou menos; Santo Deus! Quê abominações! Quê blasfêmias! Quê loucura!⁶⁴

Almeida compara tal doutrina com um córrego encharcado que tudo destrói. No fim desse parágrafo alude aos sentinelas de Cristo

Veja, que elogios merecem os cuidados, dos que Deus colocou como sentinelas para que velem sobre Jerusalém e suas portas; dos que estão destinados para o bem e conservação da igreja e do estado; e quanto devem louvar-se a cautela na introdução e no uso daqueles livros em que se acham e se bebem semelhantes doutrinas.

⁶³ Ibidem.

⁶⁴ Ibidem, pp.224-226



Ao término do sermão conjura os pais de família e senhores a queimarem tais livros, para o louvor de Deus, o bem da humanidade e deles mesmos. Na sequência introduz um interlocutor artificial com quem contra argumenta a respeito dos benefícios da posse de tais livros. Se o motivo para não se livrar de tais livros fosse a sua escrita eloquente Almeida cita a bíblia: “se seus olhos servem de ruína à sua alma arranque-os”. E se o motivo fosse o de ter muitas coisas boas nesses materiais, ele recorre à metáfora do veneno como outrora.

Na exortação final o orador roga à Senhora que não permitisse que passasse os Pirineus aquilo que ele chama de peste, que tanto ameaçava. livrando os corações portugueses do contágio das paixões desenfreadas e os entendimentos da perniciosa curiosidade.⁶⁵

5 CONCLUSÃO

No trabalho exposto intentamos mostrar que o intenso debate acerca da supremacia da moral católica em relação à moral dos filósofos franceses realizado pelo padre e filósofo oratoriano Teodoro de Almeida também teve o púlpito como arena de embate.

Mostramos que até então a historiografia privilegiou os últimos tomos da *Recreação Filosófica*, obra magna do clérigo, para apresentar os contornos de tal debate no interior do pensamento de Almeida, negligenciando a obra parenética desse importante personagem português do setecentos.

Publicados em três tomos no ano de 1787, os *Sermões* de Teodoro de Almeida nos mostra que sua atividade no púlpito foi bastante intensa, e que malgrado a devoção mariana ser o escopo dos mesmos, é possível investigar a sociedade e o tempo vivido pelo oratoriano a partir de inúmeras temáticas abordadas em tais peças oratórias.

Vimos que no *Sermão para o reparo de Nossa Senhora, das blasfêmias que contra ela proferiram as modernas heresias* pregado muito provavelmente em 1778 ou 1779 o problema da incredulidade portuguesa, que Teodoro de Almeida compara à um corpo enfermo carente do lenitivo da Religião é atribuído ao desejo de pecar sem remorsos e a liberdade de pensar sem freios remetidos à leitura de obras heréticas como as de Voltaire entre outros filósofos ilustrados.

⁶⁵ Ibidem, p.230



REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Theodoro de. **Sermões do P. Theodoro de Almeida, da Congregação do Oratório.** Lisboa : Na Offic. de António Rodrigues Galhardo, Impressor da Real Meza Censoria, 1787.

_____. **Sermones del padre D. Teodoro de Almeida De la Congregación del Oratorio de San Felipe Neri de Lisboa, de la Academia Real de las Ciencias, de la Sociad Real de Londres, y de la de Viscaya.** Tomo II. Sermones de Quaresma. Madrid, en la Imprenta Real. 1988.

ANTISERI, Dario; REALE, Giovanni. **História da Filosofia: Patrística e Escolástica.** São Paulo: Editora Paulus, 2003.

_____. **História da Filosofia: Do Humanismo a Descartes.** São Paulo: Editora Paulus, 2004.

_____. **História da Filosofia: do Humanismo a Kant.** São Paulo: Editora Paulinas, 1990.

ARAÚJO, Ana Cristina. Cultivar a razão, educar e civilizar os povos: a filosofia das Luzes no mundo português. **Revista de História Regional**, 19(2): 263-281, 2014.

BERKHOF, Louis. **A história das doutrinas cristãs.** Editora PES, 1992.

BIRON, Berty. Considerações acerca do iluminismo luso-brasileiro. **RCL Convergência Lusíada** n. 32, julho - dezembro de 2014.

BRAGA, Isabel M. R. Drumond. As realidades culturais. In: MENESES, Avelino de Freitas (cor). **Nova história de Portugal: Portugal da paz da Restauração ao ouro do Brasil.** Editorial Presença, 2001.

CARVALHO, Flávio Rey de. **Um Iluminismo português? A Reforma da Universidade de Coimbra de 1772.** Universidade de Brasília: Dissertação de Mestrado em História: 2007.

CARVALHO JUNIOR, Eduardo Teixeira. **O método em Verney e o Iluminismo em Portugal.** Universidade Federal Paraná: Tese de Doutorado em História, 2015.

CARDOSO, Tereza Maria Rolo Fachada Levy. **As luzes da educação: fundamentos, raízes históricas e prática das aulas régias no Rio de Janeiro. 1759-1834.** Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2002.

CHARTIER, Roger. Escutar os mortos com os olhos. **Estudos avançados**, São Paulo, n.64, 2010.



GOVASKI, Patrícia. **Ilustração e filosofia natural em Portugal : a Recreação Filosófica (1751-1800) do padre Teodoro de Almeida.** Universidade Federal do Paraná: Dissertação de Mestrado em História, 2017.

MARQUES, João Francisco. **A Parenética Portuguesa e a Restauração, 1640-1668, a revolta e a mentalidade.** Porto, INIC – Centro de História da Universidade, 1989.

MENDONÇA, Marta de. O problema moral em Teodoro de Almeida. **Revista de Estudos Filosóficos.** Minas Gerais, n. 7, 2011, p.106-118.

SANTOS, Cândido dos. **Matizes do Iluminismo católico da época pombalina.** Faculdade de letras da Universidade do Porto, 2004, p.949-956.

SANTOS, Eugénio dos. Para a história da cultura em Portugal no século XVIII: Oração de abertura da Academia de Ciências de Lisboa do padre Teodoro de Almeida. **Repositório Digital Universidade do Porto**, 1980, p.53-90.

SANTOS, Zulmira C. **Literatura e Espiritualidade na obra de Teodoro de Almeida (1722-1804).** Faculdade de Letras da Universidade do Porto: Tese de Doutorado, 2002.

SCHWARTZ, Stuart B. **Cada um na sua lei.** Tolerância religiosa e salvação no mundo ibérico. São Paulo: Editora Schwartz, 2009.